

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COLEGIADO DE LETRAS**

MARIZANE MAGALHÃES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ESCOLHA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE SABER, PODER E RESISTÊNCIA**

**ARAGUAÍNA
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS**

MARIZANE MAGALHÃES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ESCOLHA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE SABER, PODER E RESISTÊNCIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras Português, da Universidade Federal do Tocantins, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II. Sob orientação do Professor Dr. Joao de Deus Leite.

**ARAGUAÍNA TOCANTINS
2017**

MARIZANE MAGALHÃES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ESCOLHA DE LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE SABER, PODER E RESISTÊNCIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras Português, da Universidade Federal do Tocantins, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.
Sob orientação do Professor Dr. Joao de Deus Leite.

Data de Apresentação 23/05/2017

Banca examinadora:

Prof. Dr. João de Deus Leite (UFT)
Orientador

Profa. Dr^a. Ana Claudia Castiglioni (UFT)
Membro avaliador

Profa. Me Claudenice Cardoso Brito (UFT)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter reconstituído a minha saúde, por ter me dado força, sabedoria e determinação para vencer as inúmeras dificuldades e as adversidades que enfrentei até aqui.

À Universidade Federal do Tocantins e ao corpo docente do Colegiado de Letras, em especial ao prof. Dr. Wallace Rodrigues, que sempre esteve disposto e empenhado em ajudar-me diante de muitas dificuldades da minha vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. e Orientador João de Deus Leite, por toda dedicação e compreensão durante todas as etapas deste trabalho que me motivou, que sempre acreditou em mim para a realização desta pesquisa.

Aos professores que nos cedeu o *corpus* de análise deste trabalho, como também uma entrevista, concedendo informações valiosas para a realização deste estudo.

À minha família, Marizaura (mãe), Wilmondes e Galderes (irmãos), Manuela, Gabriel, Sofia e Isabela (sobrinhos), sem os quais seria impossível que eu chegasse até aqui. Muito obrigada! Amo muito vocês.

Aos amigos que sempre me incentivaram e estiveram comigo durante essa jornada, Aline, Ana Luiza, Barbara, Davi, Camilla, Livanda, Helisson, Marcia Maria e Patrícia, muito obrigada pelo carinho e apoio.

Muito Obrigada!

“A esperança adiada faz o coração ficar doente, mas o desejo realizado enche o coração de vida” (Provérbios, 13.2).

MAGALHÃES, Marizane De Oliveira. **O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa na educação básica: Entre o Saber, Poder e Resistência** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Letras – Língua e Portuguesa e Literatura. Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2017.

RESUMO

Este trabalho aborda o processo de escolha do livro didático de língua portuguesa, à luz das teorias do saber e do poder de Foucault (1979, 2012), com o objetivo de analisar a posição discursiva de professor de língua portuguesa dos níveis fundamental e médio diante da tarefa de fazer a escolha do livro didático, que será por ele adotado em sala de aula. O livro didático é um material de extrema relevância para o processo de ensino e de aprendizagem. E levando em consideração essa relevância do livro didático para o ensino o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) é um dos programas do governo federal que realiza a compra e a distribuição desse material didático. O programa disponibiliza um processo rigoroso de seleção e de escolha do livro didático. Nesse processo de escolha, o professor é um dos principais participantes, já que é dada a ele a tarefa de fazer a escolha final do livro didático que será utilizado por ele e por seus alunos. O professor torna-se responsável por esta escolha, que é considerada uma escolha relevante. Em decorrência, perguntamo-nos: Diante dessa responsabilidade que é dada ao professor, até que ponto essa escolha está constituída nos princípios do PNLD? O quadro teórico, no qual nos filiamos reconhece que todo indivíduo é dotado de saber e de poder, que o poder permeia todas as esferas da sociedade, o poder está nas *micro instituições*. Assim, consideremos que a posição discursiva do professor é constituída e atravessada por saber e por poder. O saber corresponde aos sentidos relacionados com a historicidade que estabelece efeitos de verdade, e o poder está relacionado ao saber. As análises mostram que há, nos discursos dos participantes da pesquisa, uma posição discursiva constituída de saber e poder e com deflagrações de resistência de modo a refazer o processo de escolha do livro didático.

Palavras-chave: Saber; Poder; Resistência; Escolha Livro didático.

ABSTRACT

This paper deals with the process of choosing the Portuguese-language textbook, in the light of Foucault's (1979, 2012) theories of knowledge and power, with the objective of analyzing the discursive position of Portuguese-speaking teacher at the fundamental and middle levels. The task of making the choice of the textbook, which will be adopted by him in the classroom. The textbook is a material of extreme relevance for the teaching and learning process. And taking into account this relevance of the textbook for teaching, the National Textbook Plan (PNLD) is one of the programs of the federal government that makes the purchase and distribution of this didactic material. The program provides a rigorous process of selecting and choosing the textbook. In this process of choice, the teacher is one of the main participants, since he is given the task of making the final choice of the textbook that will be used by him and his students. The teacher becomes responsible for this choice, which is considered a relevant choice. As a result, we ask ourselves: Given this responsibility that is given to the teacher, to what extent is this choice made up of the PNLD principles? The theoretical framework in which we are affiliated recognizes that every individual is endowed with knowledge and power, that power permeates all spheres of society, power is in micro institutions. Thus, we consider that the discursive position of the teacher is constituted and crossed by knowledge and power. Knowledge corresponds to the meanings related to historicity that establishes effects of truth, and power is related to knowledge. The analyzes show that in the discourses of the research participants there is a discursive position constituted of knowledge and power and with deflagrations of resistance in order to redo the process of choosing the textbook.

Keywords: To know; Power; Resistance; Choose Textbook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. CAPÍTULO TEÓRICO	
AS TEORIZAÇÕES DE FOUCAUT SOBRE O BINÔMIO SABER-PODER.....	11
2. CAPÍTULO	
O PNLD E O PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO.....	18
2.1. ETAPAS FINAIS DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO.....	19
2.2. GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS 2014.....	19
2.3. APRESENTAÇÃO DO GUIA 2014.....	20
2.4. CRITÉRIOS COMUNS.....	20
2.5 CRITÉRIOS ESPECÍFICOS.....	21
2.6. COLEÇÕES E RESENHAS.....	21
2.7. ROTEIRO PARA ANÁLISE E ESCOLHA DE LIVROS DIDÁTICOS DE LINGUA PORTUGUESA.....	22
2.8. ROTEIRO DE ANÁLISE UTILIZADO NO PNLD 2014.....	22
3. CAPÍTULO METODOLÓGICO	
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	23
3.2. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	23
3.3. CARACTERIZAÇÃO DA COLETA DE MATERIAL.....	24
3.4 DO CORPUS DE ANÁLISE CONSTITUIÇÃO.....	25
4. CAPÍTULO DE ANÁLISE	
POSIÇÃO DISCURSIVA DE PROFESSOR: ENTRE SABER, PODER E RESISTÊNCIA.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	44

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância que o livro didático tem assumido na formulação da aprendizagem de alunos no contexto da educação básica, o presente trabalho busca analisar e problematizar como se configura a posição discursiva de professor de língua portuguesa diante da tarefa de realizar a escolha do livro didático, haja vista que é, por meio, também, do livro didático, que o professor proporciona aprendizado ao aluno. O professor acaba sendo uma peça importante do PNLD, pois cabe a ele, em última instância, engajar-se no processo para bancar algum tipo de posição discursiva.

O livro didático é um material disponibilizado para orientar e complementar os estudos dos alunos e auxiliar o professor no processo de ensino e aprendizagem. Esse material conquistou o seu espaço nas escolas e exerce um papel importantíssimo na vida escolar do aluno, como já destacamos. Há muitos anos foi adotado o uso do livro didático no Brasil; assim, houve a necessidade de criar e de ampliar políticas públicas voltadas para a compra e para a distribuição desse material para a rede pública de ensino.

Desta forma, é importante dizer que, para que o livro didático seja disponibilizado para os alunos, existe todo um esquema, um conjunto de normas e de diretrizes que estruturam o processo de escolha do livro didático, para que ele chegue aos alunos com fácil acesso e com uma qualidade significativa. Ou seja, não é uma escolha aleatória, e sim, uma escolha baseada no compromisso com uma educação de qualidade.

Em 1929, foi criado no Brasil um órgão responsável para estatuir políticas públicas voltadas especificadamente para o livro didático; a princípio, o nome desse órgão era Instituto Nacional do Livro (INL), com o passar do tempo houve inúmeras mudanças em relação ao programa. Em 1985, após inúmeras mudanças e adequações e com a edição do decreto de nº 91.542¹, é lançado o Programa Nacional do Livro Didático (doravante, PNLD), com uma proposta cheia de mudanças e de inovações. O PNLD financia coleção

¹ Decreto nº 91.542, de 19 de Agosto de 1985, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e considerando os propósitos de universalização e melhoria do ensino de 1º grau, contidos no Programa "Educação para Todos"; Considerando a necessidade de promover-se a valorização do magistério, inclusive mediante a efetiva participação do professor na indicação do livro didático; Considerando, finalmente, o objetivo de reduzir os gastos da família com educação.

de livros didáticos aos alunos da educação básica assim, auxiliando o trabalho pedagógico dos professores.

O livro adotado pela escola tem o ciclo trienal, ou seja, a cada três anos acontecem a escolha dos novos livros que serão utilizados nos próximos três anos. As coleções são rigorosamente selecionadas, as editoras que concorrem são submetidas a um processo seletivo composto por critérios específicos; vence o processo seletivo as editoras que obtiverem todos os requisitos pautados no edital de seleção. Após o primeiro processo de seleção, é disponibilizado aos professores o Guia de livros didáticos, o guia é composto por resenhas das coleções pré-selecionadas e vai servir de norteador para o professor fazer a seleção e a escolha final do livro didático, que ele pretende utilizar juntamente com os alunos em sala de aula.

Assim, desde 1985, o PNLD tornou-se o programa responsável pelo controle da produção e da distribuição do livro didático e, com o passar dos anos, foi ganhando espaço e aprimorando cada vez mais a sua estrutura.

Assim, a proposta deste trabalho centra-se em analisar e problematizar a posição discursiva de professor: entre saber, poder e resistência, diante da tarefa de realizar a escolha do livro didático. Levando em consideração que o PNLD é um programa composto por critérios e normas, surge a seguinte pergunta: será que o professor, ao realizar a tarefa de fazer a escolha do livro didático, baseia-se nos princípios e nas normas descritas pelo PNLD?

Para fundamentar a nossa discussão a respeito da posição discursiva de professor: entre saber, poder e resistência, recorreremos às teorizações de Foucault (1979,2012); buscamos investigar, por meio de uma análise da posição discursiva dos participantes da pesquisa, neste caso, dois professores de língua portuguesa de uma escola da rede pública estadual de ensino, localizada em Araguaína/ TO, como esses participantes enunciam o processo de escolha e de adoção do livro didático. Analisaremos, a partir dos enunciados dos participantes, a relação existente entre saber, poder e resistência, diante do processo de escolha do livro didático. Analisaremos também, até onde o conhecimento pedagógico e o poder podem influenciar nesse processo.

1 CAPÍTULO TEÓRICO

AS TEORIZAÇÕES DE FOUCAULT SOBRE O BINÔMIO SABER-PODER

Este capítulo aborda a partir das teorizações foucaultina o binômio saber-poder e a relação existente entre essas duas esferas saber e poder. O filósofo e pensador francês Michel Foucault, em suas obras *Arqueologia do Saber* (2012) e *Microfísica do Poder* (1979), trata desse binômio de forma que possamos compreender melhor os efeitos que o saber e que o poder exercem sobre a vida do homem.

Abordaremos, neste capítulo, a discussão em torno desse binômio, associando a às análises de três entrevistas transcritas, realizada com três professores de língua portuguesa de uma escola da rede pública estadual de ensino de Araguaína/TO. O foco de análise das entrevistas está direcionado diretamente, à posição discursiva do professor de língua portuguesa diante da responsabilidade de realizar a escolha do livro didático. Diante disso, evidenciaremos como a produção do discurso estabelece a manifestação de resistência tomada pelos sujeitos diante de situações em que estão dotados de poder para realizar uma determinada responsabilidade que lhes é incumbida.

O poder exerce controle na sociedade, e é importante que possamos compreender de que modo se dá essa relação entre saber e o poder, como que estas duas categorias podem vir a influenciar um sujeito em determinadas escolhas e decisões, em momentos que exigem a necessidade de se colocar em evidência o saber adquirido diante da condição de poder. É relevante esclarecer que na teoria foucaultiana, é defendida a ideia de que a formação do saber é estruturada pelo o que o autor chama de “Genealogia do Poder”, que nos leva a compreender a relação da verdade com uma história, e que a história de cada sujeito tem relação com alguns fatores como: as decisões tomadas, os confrontos, as dificuldades, ou seja, comportamentos sociais que contribuem na formação do saber, que gera as relações de poder.

Segundo Foucault (1979), subsiste uma vinculação entre saber e poder, a sabedoria é dotada de poder, ou seja, o saber é poder. Na obra *Microfísica do Poder*, Foucault (1979) nos leva a compreender de forma mais aprofundada as relações de poder em uma sociedade, considerando que até aquele momento o marxismo era o principal paradigma de compreensão das relações de poder nas sociedades ocidentais. Diante disso, Foucault 1979, faz uma crítica da análise marxista em relação ao poder, já que as análises marxistas eram limitadas, as compreensões de relação de poder estavam voltadas apenas para as macro instituições, ou

seja, para o Estado, e foi, por meio das inúmeras pesquisas realizadas por Foucault, que tal teórico viu a necessidade de descentralizar, de desconstruir aquele primeiro conceito e mostrar um outro conceito de poder.

Assim, com suas análises, Foucault (1979), defende sua concepção de que o poder não é privilégio apenas de uma determinada classe social, e, com suas teorizações leva-nos a entender que esse conceito de que o poder está voltado apenas para as grandes instituições, que o poder é centralizado apenas em uma esfera, ou seja, de uma macro estrutura para uma micro estrutura, é um conceito limitado, como podemos ver a partir das próprias palavras de Foucault (2008, P.XIV).

[...] Foucault foi levado a distinguir no poder uma situação central e periférica e um nível macro e micro de exercício, o que pretendia era detectar a existência e explicitar as características de relações de poder que se diferenciam do Estado e seus aparelhos. Mas isso não significava, em contrapartida, querer situar o poder em outro lugar que não o Estado, como sugere a palavra periferia.

Tal teórico não descarta a possibilidade de o poder ser exercido de uma macro estrutura para a micro estrutura, mas Foucault (1979), nos direciona para uma nova compreensão sobre o poder. E leva-nos a pensar que o poder não se limita apenas a alguns e a outros não, para Foucault (1979 p. XIV) “Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados”.

O poder se exerce, e não vem de cima para baixo, do superior para o inferior. Em todos os lugares, existe poder e que o poder permeia, abrange toda a sociedade, o poder está em cada sujeito, pois somos matéria do poder. Consideramos, a seguir, as palavras de Foucault (1979 p. XIV).

[...] O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivo ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polêmica idéia de que o poder é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não.

E, para entendermos melhor sobre a relação de poder na nossa sociedade, temos que direcionar o nosso olhar para fenômenos menores, para o cotidiano. Como o próprio autor afirma para “fenômenos capilares”. A sociedade é uma rede, uma teia em que predomina as diversas relações de poder. Para dizermos do objeto de análise deste trabalho, a escola pública, por exemplo, é uma instituição social onde o corpo de funcionários é dotado de

poder. Relacionando com o nosso objeto de pesquisa, podemos exemplificar, dizendo que o processo de escolha do livro didático em uma escola pública da rede estadual de ensino é composto por várias etapas, e, em uma dessas etapas, é dada ao professor a responsabilidade, a incumbência de fazer a escolha final do livro que será utilizado por ele e seus alunos em sala de aula. Ou seja, é dado ao professor o poder de fazer essa escolha que é tão importante e que trará consequências boas ou ruins, dependendo do modo como o professor irá conduzir essa escolha. E essa escolha é marcada como mostraremos no capítulo de análise, por relações de poder.

O poder não se limita apenas ao Estado, como já destacamos, e uma das preocupações de Foucault é mostrar que o poder permeia outros níveis da sociedade, que não vem de uma estrutura elevada, que está superior, para uma estrutura inferior. O autor procura fazer uma análise ascendente, ou seja, de baixo para cima, descentralizando a ideia de que as relações de poder estão centralizadas apenas em uma esfera social. Vejamos, a seguir, as considerações de Foucault (1979 p. XII). A análise ascendente que Foucault não só propõe, mas realiza, estuda o poder não como uma denominação global e centralizada que se pluraliza se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo.

Assim, podemos dizer que o nosso interesse, nas teorizações de Foucault, consiste no fato de que estamos analisando a posição discursiva do professor diante da incumbência de ser o responsável pela escolha do livro didático. Como já afirmamos anteriormente o livro didático é um material importante que tem por objetivo dar suporte pedagógico para o professor e que será um material de apoio para os alunos. Embasados nas teorizações de Foucault (1979), mais adiante, iremos analisar a posição discursiva do professor, ao escolher o livro didático, como as relações de saber-poder e de resistência estão presentes nesse processo que é considerado significativo para o ensino e a aprendizagem.

O professor, constituído de saber, diante do processo de escolha do livro didático, também está dotado de poder, pois o saber, conseqüentemente, dá poder a ele. E, a partir de uma análise discursiva, iremos refletir alguns efeitos de sentido, como essa escolha é exercida, se ela é, de fato, embasada nos princípios do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Mais adiante, no capítulo de análise, iremos evidenciar e problematizar situações em que as relações entre as formas de saber-poder e de resistência permeiam, as enunciações faladas dos entrevistados.

Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber* (2012), aborda seus estudos voltados para a construção de um conceito de investigação, e é a partir desses conceitos que o autor nos leva a refletirmos sobre a formação de um novo pensamento. O autor utiliza o método da arqueologia, e é por meio da arqueologia, que é possível, em outras palavras, fazer um “escavamento” dos discursos feitos em determinadas épocas da história. Consideremos, a seguir, as palavras de Foucault (2012):

A arqueologia busca definir não só os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 2012, p. 169-170)

A arqueologia busca encontrar os pressupostos e os preconceitos que geralmente, estão presentes de forma inconsciente no pensamento da sociedade em uma determinada época. Cada época é representada pelos seus conceitos, os seus discursos de verdade, as pessoas com suas formas de pensar, suas verdades, suas estruturas de ideias e de convicções, e o objetivo da arqueologia é tentar descobrir o que leva uma determinada sociedade, em uma determinada época histórica a acreditar e a dar sentido de verdade para os seus discursos pronunciados, para as estruturas de pensamento que elas defendiam naquele período, ou seja, naquela época.

Foucault (2012), ao conceituar o saber, procura conhecer a intenções existentes por trás dos enunciados e dos discursos, como podemos ver, a partir das palavras de Foucault (2012, p.220).

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; (...) um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; (...) finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso.

O autor também defende a ideia de que precisamos ir mais adiante daquele conhecimento considerado um conhecimento básico, superficial, ou ideias comuns defendidas pela sociedade. Precisamos examinar mais a fundo as relações que existem por trás dos enunciados. Por exemplo, ao analisarmos os enunciados do professor em relação a sua posição diante da tarefa de fazer a escolha do livro didático, é necessário que não nos

limitemos apenas no que foi transcrito; é relevante levarmos em consideração outras relações como: as relações políticas e históricas e sociais. Para Foucault (2012), os elementos históricos são fundamentais para compreender como se dá a formação discursiva.

Para compreendermos melhor o conceito de saber que Foucault (2012), defende, é importante que também possamos compreender outro conceito mobilizado pelo autor, que é o conceito de *episteme*. É, a partir desse conceito, que poderemos assimilar melhor sobre as formações discursivas na sociedade e o que existe de fato subjacente a essas formações discursivas presentes nos discursos pronunciados, Sobre as relações discursivas. Foucault (2012, p.230-231) afirma que:

A análise das formações discursivas, das positividades e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, é o que se chamou, para distingui-las das outras formas possíveis de história das ciências, a análise da episteme. Suspeitaremos, talvez, que a episteme seja algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados. (...) Uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época. (FOUCAULT, 2012, P. 230-231)

Segundo Foucault (2012), a epistemologia é formada por um conjunto de diversos saberes, que não precisam ser obrigatoriamente racionais ou positivistas, mas estão ligados a uma rede de relações que levará o discurso a ter forma e poder. O autor acredita que a construção do discurso está relacionada a um grupo de pensamentos que são resultantes de relações de poder na sociedade.

O discurso é formado, de acordo com a época em que ele é pronunciado, cada época com seus respectivos discursos. Foucault (2012) afirma que é relevante fazer um estudo voltado para a história, e que devemos pensar o que leva certo discurso a ter sentido de verdade. Devemos considerar que, subjacente a um discurso existe um conjunto de ideias, de pensamentos e interesses que farão aquele discurso ser legítimo para os sujeitos que o proferem.

Ao analisarmos os discursos dos participantes desta pesquisa, não devemos nos limitar apenas ao superficial, devemos levar em consideração as relações históricas de cada sujeito, devemos refletir no que está por trás dos discursos pronunciados. O conjunto de saberes que contribuíram diretamente para a construção dos discursos, saberes adquiridos em uma determinada época e que ainda continuam tendo legitimidade para os sujeitos. Como foi

falado anteriormente, o saber está relacionado ao poder, o saber contribui na formação do discurso e a partir daí, que surgem as relações de poder.

Foucault (2012) nos leva a compreender que o saber é o que os sujeitos falam em uma prática, chamada de prática discursiva. Ao falarmos, colocamo-nos em uma posição para falarmos de algo, para falarmos dos objetos que estão inseridos em nosso discurso. Assim acontece com os professores; ao falarem sobre a escolha do livro didático, eles assumem uma posição para falarem de um assunto em que estão dotados de saber e de poder. E é a partir dos discursos pronunciados que ao fazermos uma análise discursiva, podemos evidenciar momentos em que, o professor em seus discursos demonstra suas posições de resistência.

Foucault pensava sobre a produção do conhecimento, o autor questionava o papel da intelectualidade, sobre as produções de conhecimento, questionava, por exemplo, se o conhecimento produzido por um cientista ou por pesquisador deveria ficar preso nas instituições ou se esse conhecimento poderia ser útil para a sociedade. O autor não tinha uma preocupação em “conhecer”, não tinha interesse em saber a veracidade dos discursos científicos, se existia uma analogia com a objetividade ou se eram ou não discursos considerados coerentes. Foucault tinha a concepção que era necessário conhecer a história, conhecer o contexto histórico.

E é a partir dos questionamentos de Foucault, que a Análise do Discurso (AD), vai surgir como uma forma de proposta de ser um instrumento de leitura dos sentidos, para Foucault (2012), o saber produz o que somos, assim, é possível compreendemos melhor a ideia que o saber gera poder e o poder interfere também na construção do que somos. Os sujeitos geram práticas de acordo com os saberes adquiridos.

Assim, é importante dizer que, os saberes, os poderes e os discursos contribuem historicamente para a formação dos sujeitos, e ao falarmos de discurso é relevante dizer que os discursos são constituídos pela materialidade, e a materialidade é uma forma de linguagem, e é por meio da materialidade que os discursos terão seus efeitos de sentido.

Na obra *Microfísica do Poder* (1979), o teórico manifesta-se sobre a sua percepção em relação à resistência e argumenta a perspectiva de que se existe o poder, logo, também existe resistência, ou seja, há uma relação entre poder e a resistência. O poder não acontece de forma independente e isolada. O poder, conseqüentemente, gera resistência nos sujeitos, mas

de forma inconsciente. Diante do exercício do poder é firmada a resistência, o poder pode ser comparado como uma máquina, segundo Foucault (1979, p. XIV), “Uma máquina social”.

Não estamos livres do poder, o poder está em nós e é por meio do poder que é gerado um encadeamento de força e de resistência; para Foucault (1979, p. XIV), “onde há poder há resistência”.

E, assim, da mesma forma que o poder não está restrito a apenas a uma estipulada parte da sociedade, a resistência, também, não se limita a uma determinada classe da sociedade. Ela engloba toda a estrutura social, portanto, segundo Foucault (1979, p. XIV), “Não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda estrutura social”.

Foucault (1979) compara o poder a uma guerra, e, como já mencionamos anteriormente, existe uma relação entre o poder e a resistência, e é momentos de confrontos que os sujeitos manifestam o seu poder e, conseqüentemente, a resistência. Segundo Foucault (1979), essa relação de poder e de resistência pode ser vista como:

(...) luta, confronto, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde. (FOUCAULT, 1979, P.XV).

2 CAPÍTULO

O PNLD E O PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, doravante), é um dos programas que faz parte das políticas públicas voltadas para a educação. O PNLD é um programa específico responsável pela compra e pela distribuição do Livro Didático nas escolas da rede pública no Brasil.

A escolha do livro didático é um processo extremamente importante, que exige muito compromisso e responsabilidade dos profissionais envolvidos. O LD é um produto que está inserido no mercado, que é pensado e é produzido com a proposta de beneficiar os seus usuários, neste caso, professores e alunos da rede pública de ensino. Para a produção de um livro, é necessário um trabalho de seriedade, que conta com uma equipe composta por editoras, autores, profissionais da área do *marketing*, desenhistas entre outros que, sem dúvida são importantes, ou seja, um conjunto de pessoas reunidas com um mesmo propósito, buscando aos alunos acesso ao aprendizado de qualidade.

É importante dizer que, para o governo federal é interessante que a adesão do livro didático seja feita não somente pensando em termos de mercado. É relevante que seja pensado, também com seriedade nos ideais pedagógicos, proporcionando um aproveitamento significativo, que não passe apenas de uma compra de um produto. O que se espera é que o LD seja realmente escolhido com compromisso e com responsabilidade, e que seja utilizado responsabilidade, a fim de que o público-alvo seja de fato beneficiado em relação ao conhecimento.

Assim, é significativo dizer que o governo federal, dispõe de três programas que estão voltados para a questão da adesão, da distribuição e do controle do livro didático, são eles: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Nacional para o Ensino Médio (PNLEM) e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA).

Atualmente o governo federal, por meio do PNLD, lança o edital de inscrição. Assim, as editoras que tiverem interesse em participar do processo de seleção fazem as suas inscrições. A partir daí, inicia-se o processo de seleção e de adesão, considerando que é um processo de caráter eliminatório, já que as editoras inscritas no processo seletivo devem estar de acordo com os critérios estabelecidos pelo programa (PNLD). As editoras que estiverem de

acordo com os critérios do edital serão convocadas, e os livros didáticos passarão por um processo de análise; o objetivo dessa análise é certificar se realmente os livros compõem as características pedidas no edital.

Após esta primeira seleção, os livros escolhidos são encaminhados para a secretaria de educação, onde dará início a uma nova análise; assim os livros serão analisados por uma equipe de profissionais que formam uma comissão, considerando que essa comissão é formada por profissionais especialistas de cada área das disciplinas. Cabe à comissão elaborar uma resenha das obras selecionadas por eles, lembrando que é uma seleção rigorosa, dotada de muita responsabilidade, assim é importante afirmar que, a qualidade do LD vem melhorando a cada ano, já que o MEC tem essa preocupação em relação a uma seleção rigorosa, pautada na seriedade e no compromisso com a Educação.

2.1 ETAPAS FINAIS DA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO-LD

Após as primeiras etapas de seleção das obras e elaboração das resenhas, inicia a fase final de escolha do LD, o FNDE disponibiliza o Guia de Livros didáticos, o guia é enviado para as escolas e também está disponível na plataforma digital, para quem tiver interesse em acessar o mesmo, o Guia de Livros Didáticos é composto por as resenhas das obras que foram previamente selecionadas pela comissão, cabe à equipe pedagógica de cada área ler e analisar o guia, a proposta do guia é nortear os professores para os mesmos poderem fazer suas escolhas de forma segura.

2.2 O Guia de Livros Didáticos de Língua Portuguesa 2014 é composto por dezenove tópicos, são eles:

- APRESENTÇÃO
- CRITÉRIOS COMUNS
- CRITÉRIOS ESPECIFICOS
- SOBRE AS COLEÇÕES RESENHAS NESTE GUIA
- ANEXO I: ROTEIRO PARA ANALISE E ESCOLHA DE LIVROS DIDÁTICOS DE LINGUA PORTUGUESA
- ANEXO II: ROTEIRO DE ANALISE UTILIZADO NO PNLD 2014
- RESENHAS DAS COLEÇÕES
- A AVENTURA DA LINGUAGEM.

- JORNADAS. PORT – LÍNGUA PORTUGUESA.
- TECENDO LINGUAGENS.
- PARA VIVER JUNTOS PORTUGUÊS.
- COLEÇÃO PERSPECTIVA: LÍNGUA PORTUGUESA.
- PORTUGUÊS LINGUAGENS.
- PORTUGUÊS NOS DIAS DE HOJE.
- PORTUGUÊS: UMA LÍNGUA BRASILEIRA.
- PROJETO TELÁRIS – PORTUGUÊS.
- SINGULAR E PLURAL – LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DA LINGUAGEM.
- UNIVERSOS LÍNGUA PORTUGUESA.
- VONTADE DE SABER PORTUGUÊS.

2.3 APRESENTAÇÃO DO GUIA 2014

A apresentação do guia fala da importância do mesmo para o processo de escolha do livro didático (LD), explica claramente que o guia é composto por resenhas das coleções de língua portuguesa que foram aprovadas no processo de avaliação.

Ainda na apresentação, é mencionado que o guia auxiliará o professor dando-lhes recursos suficientes para escolha das obras consideradas mais adequadas, orienta o professor a pensar e levar em consideração a realidade dos seus alunos, de forma que aquela obra escolhida seja um diferencial no processo de ensino-aprendizagem do mesmo.

Ressalta que, para que o professor possa ter uma melhor compreensão do guia, é interessante que ele entenda como foi o processo de escolha das obras que estão expostas em forma de resenhas.

Menciona que todas as obras que foram aprovadas e que estão expostas no guia, atenderam os critérios de avaliação de acordo com as normas exigidas no edital do PNLD 2014, critérios comuns e específicos para a língua portuguesa.

2.4 CRITÉRIOS COMUNS

No item critérios comuns, o professor terá a oportunidade de conhecer quais os critérios para a exclusão das coleções consideradas inadequadas para fazerem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Considerando que as coleções inscritas devem obedecer aos critérios comuns exigidos no edital, como: respeitar a legislação, as normas oficiais, as diretrizes voltadas para o ensino fundamental/médio.

2.5 CRITÉRIOS ESPECÍFICOS

No item critérios específicos, fica claro quais os parâmetros que as obras devem conter para serem aprovadas na seleção do PNLD 2014, esses critérios são relativos: ao material textual, trabalho com o texto, oralidade, leitura, produção de textos escritos e conhecimentos linguísticos.

2.6 COLEÇÕES E RESENHAS NESTE GUIA

Neste item o professor terá a oportunidade de saber como e de que deve está composto o manual do professor, o manual do professor deve servir de norteador para o professor, é por meio do manual do professor que o professor vai ter as orientações adequadas para fazer um bom uso da coleção.

O manual do professor deve seguir alguns critérios, segundo o Guia De Livros Didáticos (2014), são eles:

1. Explicitar com clareza e correção os pressupostos teóricos e metodológicos a partir dos quais a proposta didático-pedagógica foi elaborada;
2. Descrever com precisão e funcionalidade a organização dos livros, inclusive no que diz respeito aos objetivos a serem atingidos nas atividades propostas e aos encaminhamentos necessários;
3. Apresentar subsídios para a avaliação dos resultados de ensino, assim como para a ampliação e a adaptação das propostas que figuram no(s) Livro(s) do Aluno;
4. Propor formas de articulação entre as propostas e as atividades do livro didático e os demais materiais didáticos distribuídos por programas oficiais, como o PNLD Dicionários, o PNLD dos Materiais Complementares e o PNBE.

5. Fornecer subsídios para a atualização e a formação do professor, tais como bibliografias básicas, sugestões de leitura suplementar, sugestões de integração com outras disciplinas ou de exploração de temas transversais, dentre outros”. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2014, p.20)

Ainda neste item, fala-se sobre os princípios de organização que cada obra deve ter em relação aos conteúdos que serão ensinados, o tratamento didático que é dado aos conteúdos curriculares básicos, patamares de qualidade por eixo de ensino, as características de cada coleção.

2.7 ROTEIRO PARA ANÁLISE E ESCOLHA DE LIVROS DIDÁTICOS DE LINGUA PORTUGUESA.

Já, neste item, o professor de língua portuguesa terá a oportunidade de analisar as obras que previamente foram analisadas antes de estarem expostas no guia, considerando que antes das obras estarem inseridas no guia de livros didáticos, elas passam por uma seleção rigorosa, uma equipe especializada é responsável em analisar e escolher as obras que serão disponibilizadas para os professores fazerem a escolha.

Todos os critérios exigidos são expostos em uma tabela, ao lado da tabela é disponibilizado um espaço para o professor fazer um comentário, uma observação referente a aquele critério.

2.8 ROTEIRO DE ANÁLISE UTILIZADO NO PNLD 2014

No roteiro de análise, vão ser reproduzidos os princípios e os critérios utilizados no processo de seleção das obras de língua portuguesa, critérios que estão de acordo com o edital do processo de avaliação e seleção do programa PNLD.

3 CAPÍTULO METODOLOGICO

3.1 CARACTERIZAÇÕES DA ESCOLA

O material de análise é composto por duas entrevistas² transcritas, concedidas por dois professores da rede pública Estadual de Ensino do Colégio Cem Castelo Branco, localizado no município de Araguaína/TO, no Bairro Vila Aliança. Esse colégio atende alunos da região central de Araguaína e disponibiliza atendimento aos alunos que cursam o ensino fundamental e médio; contém uma infraestrutura considerada adequada por possuir, em suas dependências, por exemplo, sala de professores, biblioteca, espaço amplo e harmonizado, ambiente tranquilo, água filtrada, laboratório de informática com computadores em boas condições de uso e etc.

É relevante dizer que, ao surgir o interesse em realizar esta pesquisa, voltada diretamente para a análise para problematização da posição discursiva do professor de língua portuguesa diante da responsabilidade de fazer a escolha do Livro Didático (LD), foi pensado, a princípio, em coletar informações em outras duas escolas, mas foi possível coletar o material de análise em apenas uma escola. É que de saída, o acesso a informações nas outras duas escolas foi negado, apesar dos inúmeros contatos que fizemos com os profissionais dessas escolas.

Este trabalho, por se filiar teórico analiticamente à Análise do Discurso francesa de base foucaultiana, volta-se para a questão da constituição da posição discursiva daqueles que escolhem os livros didáticos. Essa posição é marcada e constituída em uma relação de saber e de poder, deflagrada por pontos de resistência, como mostraremos no capítulo de análise.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A professora Adriana³ é concursada, formada no curso de licenciatura em Letras, na Universidade Federal do Tocantins, ministra aulas no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, nos períodos, matutino e vespertino. O professor Guilherme também é concursado, formado

² Anexo I e II

³ Por razões éticas e para preservar a identidade da professora, vamos usar nomes fictícios para fazermos menção aos professores.

no curso de licenciatura em Letras, na Universidade Federal do Tocantins do Tocantins, ministra aulas nas três séries do Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DE COLETA DE MATERIAL

O material de análise da pesquisa é composto por três entrevistas que foram gravadas em forma de áudio e posteriormente transcritas, respeitando às normas de transcrição do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Tendo os devidos cuidados metodológicos que são recomendados para se fazer uma transcrição de áudio.

Este trabalho, por se filiar teórico analiticamente à Análise do Discurso francesa de base foucaultiana, volta-se para a questão da constituição da posição discursiva daqueles que escolhem os livros didáticos. Essa posição é marcada e constituída por uma relação de saber e de poder, deflagrada por pontos de resistência. Procedemos à análise de recortes de entrevista realizada com três professores de língua portuguesa, como já foi citado anteriormente.

Escolhemos efetuar nosso trabalho de pesquisa com esses professores por indicação de um professor que trabalha na mesma escola. Nós não tínhamos um contato prévio com os professores que participaram da pesquisa.

Ao procurar a escola, apresentamos e conversamos com a coordenadora, explicamos qual seria a finalidade da pesquisa. A coordenadora mostrou-se bastante interessada e, logo, fomos encaminhados para a sala dos professores, onde tivemos a oportunidade de conhecer e de conversar com os professores Guilherme e Adriana. As entrevistas com os professores foram agendada para o dia 17 de janeiro de 2017, todas as entrevistas foram realizadas com o registro em áudios nas dependências da Escola.

As entrevistas realizadas foram do tipo semi-estruturada, o que significa que, no momento da entrevista, durante a coleta de material, tivemos a necessidade de manter-se focado no processo de interação. A forma de interação com os entrevistados foi por meio da interação verbal livre, de maneira que estes elaboraram as suas respostas no momento da entrevista.

O ato de entrevistar trás respostas relacionadas a nosso objeto de pesquisa. Ao transcrevermos os áudios das entrevistas, podemos perceber que, na função de entrevistador-pesquisador, já não temos mais preocupação com a interação. Ao realizarmos a transcrição, passamos a ser interpretadores de informações. Há uma mudança de enfoque; a princípio, uma

busca por coleta de material, depois, ao transcrevermos, o objeto passa a ser o que foi ou não foi falado no momento da entrevista.

3.4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E DA ANÁLISE

Por assumirmos uma posição teórica histórica, para realizar este trabalho, o *corpus* diz respeito aos recortes que fizemos em relação ao material de análise coletado: no caso as entrevistas realizadas com os dois professores. O *corpus* aponta para uma regularidade que, no caso, refere-se a saber, a poder e a pontos de resistência, seguidos de nosso movimento de interpretação.

O saber se apresenta ao *corpus* recortado, quando os professores enunciam sobre o movimento de se escolher o livro didático. Nesse movimento, há saberes historicizados que constituem as explicações, os comentários que os professores produzem para narrativizar o processo de escolha. Não estamos, neste trabalho, valorando *a priori* se esses saberes procedem ou não. Na esteira de Foucault (1979; 2012), o saber está relacionado à prática discursiva. Há saberes constituindo as posições discursivas que eles assumem, quando do processo de escolha do livro didático. Em muitos momentos, vamos mostrar, a partir do *corpus*, pontos de não saber, que já são saberes em operação nas enunciações dos professores. Essa falta teórica se refere, muitas vezes, ao desconhecimento, à redução do processo de escolha do livro didático a uma percepção dos professores, apagando os próprios critérios do Guia previsto pelo PNLD.

O poder se apresenta ao *corpus*, com base em Foucault (1979; 2012), quando, por meio do saber, os professores marcam uma posição diante da prática discursiva da escolha do livro didático. Eles opinam, tecem comentários, fazem associações entre saberes, mostrando que eles, também, participam do exercício do poder. O poder, no caso em questão, marca-se por meio de saberes. No ato enunciativo, os professores falam do processo de escolha, justamente, porque há saber e poder em jogo.

A resistência pode ser indiciada, com base no *corpus* recortado, a partir de pontos em que aparecem outros enunciados nas enunciações faladas dos professores. . Por exemplo, como mostramos nas análises, o fato de a professora Adriana dizer que já escolheu o livro didático pela capa e, não, por outros critérios, figura como ponto de resistência. Por que essa explicação e, não, outra no lugar? Por que o apagamento dos critérios do Guia proposto pelo PNLD para a escolha?

A ocorrência de certos enunciados que buscam explicar a prática discursiva dos professores sobre a escolha no lugar de outros enunciados é permeada e constituída de saber-

poder. Não nasce do nada essa troca de lugares de enunciados; há uma constituição histórica. A resistência nasce dessa tensão entre saber-poder, colocando os sujeitos como agentes dessa resistência. A constituição do *corpus*, tendo como ponto material enunciados, está em função do jogo teórico-analítico entre saber-poder-resistência, que acaba por marcar a prática discursiva de escolha do livro didático, como mostraremos no capítulo de análise.

CAPÍTULO DE ANÁLISE

POSIÇÃO DISCURSIVA DE PROFESSOR: ENTRE SABER, PODER RESISTÊNCIA.

Neste capítulo, vamos abordar o modo como se constitui a posição discursiva de professor diante da responsabilidade de escolher o livro didático para a escola onde trabalha dada a política do (doravante PNLD). Essa posição discursiva é por nós entendida como aquela posição que se marca, discurso-enunciativamente, quando o professor é levado a enunciar sobre o processo de escolha. Essa posição se marca a revelia do professor, já que a sua tomada de posição é inconsciente.

Com base nas teorizações de Foucault (1979, 2012), é possível dizer que essa posição discursiva é constituída e é atravessada por saber e por poder. O saber responde pelos sentidos que se historicizam e passam a constituir um efeito de verdade sobre a história. A historicidade ganha uma extrema relevância, nas elaborações de Foucault, já que é ela quem oportuniza a construção, a legitimação e a estabilização de certos sentidos e, não, de outros. O poder intimamente relacionado ao saber, responde pelas diferentes relações que o homem estabelece entre si. O poder está na microcena do cotidiano, pois esse cotidiano é permeado de produção de saber. Neste trabalho, estamos pensando, na esteira de Foucault (1979, 2012), em uma relação de contiguidade entre saber-poder. Não concebemos essa relação de modo estanque.

Consideremos, a seguir, o primeiro recorte discursivo (RD1) de nosso trabalho de análise:

RD1

P: Para você qual a importância do PNLD?

E1: O programa, a importância do programa é gigante, tendo em vista que se você for analisá-lo, a ausência desse material, dessa ferramenta prejudicava muito, enfim se tem uma ferramenta que mostrava a discrepância né do ensino público para o particular era o *(inaudível)* então a ausência do livro didático mostrava muito bem essa discrepância então, o livro didático ele ele diminuiu um pouco essa diferença, diferença que ainda é muito grande né, por isso é muito importante o programa eu vejo aí como uma contribuição a mais para o ensino.

(Entrevista realizada em 17/01/2017)

Esse recorte traz a primeira pergunta endereçada à professora Adriana, no ato da entrevista. A pergunta foi “Para você qual a importância do PNLD?”. Em resposta, a

professora passou a destacar a relevância que o livro didático pode assumir no ensino. Contudo, chama-nos a atenção o modo como ela põe em relação a suposta realidade do ensino público e do ensino particular. Ela discursiviza a perspectiva de que o material didático é um fator de discrepância entre esses ensinos. Em sua enunciação falada, atravessa o tão divulgado sentido de que o ensino particular dispõe dos melhores materiais didáticos. É comum, em propagandas de escolas particulares, a ênfase ao tipo de material didático adotado, como forma de se marcar e se “vender” um suposto padrão de qualidade. Há, historicamente, a constituição de um saber sobre a questão do material didático, que, no ensino particular, o professor precisa segui-lo, de modo a adotar a metodologia de ensino em operação no material. Em muitos casos, há, inclusive, o esvaziamento do lugar do professor em função do material adotado. Não podemos nos esquecer de que há aí, também, uma questão metodológica. Busca-se vender um ensino, cuja eficácia estaria tão-somente na questão do material didático.

Para a professora entrevistada, o PNLD veio amenizar a realidade do ensino público, pois, diferentemente do ensino particular, até então, a adoção e a distribuição de materiais didáticos eram precárias. Segundo ela, essa precarização prejudicava o ensino público. Ao falar que o PNLD é importante, a professora predica esse programa por meio do adjetivo “gigante”, dando, por meio da entonação, certa ênfase já, no final de sua enunciação, nessa primeira pergunta, a professora volta a ressaltar a discrepância entre o ensino público e o ensino particular. Por meio do enunciado “(...)” a diferença que ainda é muito grande né (...)”, a professora reformula o enunciado “ o livro didático ele ele diminui um pouco essa diferença” expondo seu dizer a uma dispersão de sentido. Há uma não coincidência da palavra “diminuiu” e a coisa nomeada, no caso a realidade do ensino público. Em sua enunciação, notamos como essa não coincidência constitui e afeta a posição discursiva dessa professora, quando ela é levada a falar sobre o PNLD.

No caso em questão, é possível dizermos que essa não coincidência, que acaba por colocar o ensino público em desvantagem frente ao ensino particular, encerra a produção de saber. Trata-se de sentidos que dicotomizam e valorizam esses ensinos encerrando práticas de poder diferentes. Perguntamo-nos, neste ponto: Por que, ao falar do PNLD, a professora enuncia o discurso de circulação social sobre a divisão entre o ensino público e o ensino particular? Será que o PNLD é suficientemente seguro para dar outro lugar para o ensino público? Diante desses questionamentos, cumpre destacar que o modo como o saber ganha operacionalização, na enunciação falada da professora, ela exerce poder. À revelia dela, ela só

enuncia a importância do PNLD, traçando como argumento a perspectiva de que o PNLD veio amenizar suposta discrepância entre os ensinamentos em questão. Trata-se de sua narrativa para se engajar, para se entrar na ordem do discurso, como destacou Foucault (2008).

Vejamos, a seguir, o próximo recorte discursivo (RD2) do nosso trabalho de análise.

RD2

P: Como professora de língua portuguesa e::: que importância o livro didático exerce na sua aula?

E1: Olha assim, o o livro didático é uma ferramenta muito importante para trabalhá junto com o aluno, e assim, nas aulas eu percebo que que o aluno ele ganha até um incentivo a mais “acredita?”

P: Unhum.

E1: Eles tem um incentivo a mais assim... para estudar porque sendo bem realista fia, muitos desses alunos nossos o primeiro acesso que eles tEM a leitura mesmo é através do livro didático e isso eu te falo com cer::teza (+) é o livro didático dá a ele uma direção, um rumo, uma outra mentalidade né, então assim a questão do livro didático na esco::la NOSSA! É de fundamental importância apesar que ainda tem muitas críticas né.

P: quais críticas?

E1: Em relação a::: uma coisa é o livro didático ser mantido, outra coisa a qualidade, mas como esse material possa melhorar.

ta”?!

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte mostra a segunda pergunta endereçada à professora no ato da entrevista. A pergunta foi “Como professora de língua portuguesa e::: que importância o livro didático exerce na sua aula?”. Ao ser questionada qual a importância do livro didático em sua prática pedagógica, a professora ressalta que o livro didático é uma “ferramenta de incentivo” para os alunos. Sendo assim, podemos perceber que a professora continua com uma perspectiva de inferioridade em relação ao ensino público. Desta vez, com base em RD2, essa inferioridade é atribuída ao perfil do aluno que a escola recebe. Trata-se de alunos que não possuem incentivo nem relação de identificação cultural com a escola, quando ela diz que “(...) o aluno ele ganha até um incentivo a mais (...)”. Trata-se, ainda, de alunos que para ela, não possuem contato com a leitura, quando ela diz que “(...) o primeiro acesso que eles TEM a leitura mesmo é através do livro didático e isso eu te falo com cer::teza (...)”. Isso demonstra que ela subestima as potencialidades de leitura do aluno. Como podemos perceber, a professora mobiliza a expressão “(...) e isso eu te falo com ce::teza (...)” para enfatizar que seu aluno só têm acesso à leitura por meio do livro didático. Assim, em sua enunciação, a professora anula qualquer outra possibilidade de seus alunos terem outros meios de acesso à leitura. E, dando continuidade à sua enunciação, a professora, no seu enunciado, volta a enfatizar que o uso do livro didático “é de fundamental importância”. Desta vez, ela destacou que essa importância

não é unicamente voltada para a sua prática individual, mas ressaltou a relevância do material para a escola como um todo.

Em sua enunciação, a professora reitera que o livro didático é capaz de dar ao aluno “(...) uma direção, um rumo, outra mentalidade (...)”. Nesta enunciação, podemos perceber que a professora considera que seus alunos, ao terem acesso ao livro didático em sala de aula, passam a ter uma ideologia diferente, uma mudança comportamental, ou seja, segundo a enunciação da professora, o livro didático ocupa a posição de influenciador e torna-se responsável por mudanças nas práticas sociais dos alunos.

Ainda na mesma enunciação, ela introduz, em seu discurso, o fato de que, embora o livro didático seja visto por ela como importante para as práticas pedagógicas da escola, ainda assim, o material é alvo de opiniões negativas, como podemos perceber a partir do seguinte enunciado: “(...) apesar que ainda tem muitas críticas né (...)”. E, ao ser questionada por nós de quais críticas ela estava se referindo, a professora demonstrou um saber que a leva a dizer e a colocar em imprecisão a qualidade do livro didático. Ela atribuiu o sentido de que, mesmo o PNLD, sendo um programa criterioso e rigoroso em relação à escolha do livro didático, o programa não consegue eficácia neste sentido. E a partir do enunciado “(...) uma coisa é o livro didático ser mantido, outra coisa a qualidade (...)”, é possível dizer, que ela propaga um discurso de insatisfação, ao mencionar que não é necessário apenas o programa disponibilizar acesso ao livro didático, mas que se deve ter uma preocupação com a qualidade do livro. E, neste ponto, perguntamo-nos: de que tipo de qualidade a professora está se referindo? Será que ela está alegando uma falta de qualidade a respeito dos conteúdos inseridos no livro didático ou da qualidade física, em termos de diagramação e de editoração do livro didático?

Diante desses questionamentos, é importante ressaltar que o discurso da professora em relação à qualidade do livro didático é um discurso inespecífico que não nos leva a entender de que tipo de qualidade ela está se referindo. Neste caso, podemos dizer que a professora munida de um saber não se posiciona, de modo específico e com argumentos, o que fica perceptível, em sua enunciação, é que ela oscila entre um saber e um não saber da importância do livro em sua prática pedagógica.

Em sua enunciação a professora em questão aponta possíveis benefícios que o livro didático traz a seus alunos, mas não discursiviza, de fato, qual a importância do livro didático para ela, no caso em questão, uma profissional que trabalha diariamente e diretamente com o livro didático no espaço de sala de aula.

A seguir, analisaremos o terceiro recorte discursivo (RD3) deste trabalho de análise.

RD3

P: E assim, em relação à escolha do livro, considerando que para ajudar e auxiliar nessa escolha o programa disponibiliza um guia né, guia de livros didáticos, que é enviado impresso para os [professores]

E1: [sim envia]

P: Em sua opinião, o guia realmente contribui, lhe ajuda nesse processo de escolha, já que ele é composto por resenhas das obras que estão disponíveis para a escolha?

E1: Na verdade é assim (++) hoje em dia as editoras mandam o livro completo, hoje em dia chegam para a gente três, quatro coleções de editoras diferentes né, e a gente tem o livro por completo.

P: Então quer dizer que em vez de você se direcionar pelo guia, você já tem acesso ao próprio livro né?![Interessante].

E1 [é como eu disse] (+++++)

E1: Chega três, de quatro a cinco editoras diferentes mandam os livros aí, nós temos aí mais ou menos uma semana de planejamento, antes de começar as aulas e fazemos a escolha, quem decide é professor, o professor que escolhe né.

P: Mas assim, pelo que andei pesquisando em relação o programa, o guia é enviado pra ajudar né, dá um suporte para o professor poder escolher o livro, mas você prefere escolher mesmo olhando o livro né, tendo esse contato direto [com a obra mesmo] né?

E1: [unhum]

E1: É é bem melhor assim, mas a gente tem que olhar direitinho né, analisar bem, porque vai ser pros três anos né, e assim hoje eu não faço mais isso, mas assim (+) eu já escolhi o livro pela capa acredita?! Eu pensava assim, que era tudo a mesma coisa, aí via a capa do livro achava bonita e escolhia, mas isso não foi aqui, eu não trabalha aqui era em outra escola, mas assim foi uma que eu aprendi e não faço mais, então é bem melhor escolher olhando o livro mesmo.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte está relacionado à terceira pergunta direcionada à professora. Antes de fazermos a pergunta propriamente dita, tecemos um comentário sobre o fato de o PNLD disponibilizar aos professores um guia, denominado Guia de livros didáticos, que é um material impresso, composto pelas resenhas das obras pré-selecionadas pelo programa. O objetivo do programa ao disponibilizar o guia para os professores, é de contribuir dando ao professor um norteio na hora de escolher o livro que será adotado por ele em sala de aula. Ao ouvir o comentário o nosso comentário em relação ao guia, a professora, simultaneamente afirma que “sim envia”, dando a entender que está ciente dessa iniciativa do programa. Então, nós partimos para a seguinte pergunta: “Em sua opinião, o guia realmente contribui, lhe ajuda

nesse processo de escolha, já que ele é composto por resenhas das obras que estão disponíveis para a escolha?”.

Em resposta, a professora destaca, em sua enunciação, o fato de que atualmente, a escola recebe das editoras os livros. Segundo ela, cada editora disponibiliza o seu livro, justificando que, diante dessa posição das editoras, os professores têm direto acesso aos livros, para, assim, fazerem a escolha. Diante do enunciado da professora, é possível observar, que ela discursiviza a existência do guia de livros didáticos, dando ênfase ao fato de os professores terem contato com as obras pré-selecionadas. Em seus enunciados, fica marcante essa ideia: “(...) hoje em dia as editoras mandam o livro completo (...)”. Chama-nos a atenção o modo como ela enuncia, produzindo efeitos de sentidos que nos levam a entender que, mediante o acesso e o contato com as obras, supostamente, o guia de livros didáticos, torna-se desnecessário para o processo de escolha do livro didático. Ao ser questionada se ela prefere escolher o livro didático, por meio desse contato direto com a obra, ela responde: “É bem melhor assim”. Mais uma vez, podemos perceber que essa posição discursiva é formada por saber e por poder.

A professora, constituída de um saber, diante da responsabilidade que lhe foi concedida, que é produzir a escolha do livro didático e dotada de poder para fazer tal escolha, ao não fazer o uso do guia de livros didáticos, desconsidera e resiste em seguir as normas descritas pelo PNLD. E, com base nas teorizações de Foucault (1969, 2012), é viável dizer que o saber estabelece relação com o poder, e que onde o poder se constitui, também existe resistência. Nas enunciações faladas pela professora, é perceptível pontos de resistência, que são inconscientes.

Ainda na mesma cena enunciação a professora ressalta que, ao escolher o livro didático, é importante observar e analisar bem o livro a ser escolhido, como ela mesma enuncia: “(...) olhar direitinho né, analisar bem (...)”. Diante desse enunciado, questionamos será que é possível analisar um livro, que, geralmente possui uma grande quantidade de páginas e conteúdos extensos? Será que não seria mais viável conhecer esse material por meio das resenhas inseridas no guia? Esses questionamentos nos levam a refletir que, se ao não basear-se pelo guia, para fazer a escolha do livro didático, será que a professora teve a capacidade de fazer uma escolha que poderia ser considerada adequada? Diante desses questionamentos, é importante dizer que a professora, aparentemente, só descarta o uso do guia pelo fato de ela ter acesso aos próprios livros didáticos, desconsiderando, assim, a leitura, a compreensão, as dicas e os critérios que deverão ser adotados no processo de escolha do livro, fazendo com que o guia tenha um esvaziamento de função.

Já, no final de sua enunciação a professora, por meio de seus enunciados, em um momento de dispersão de sentido, chama a atenção em dizer que já escolheu o livro didático que seria adotado por ela para trabalhar em sala, pela capa, como podemos observar por meio do enunciado: “(...) hoje eu não faço mais isso, mas assim (+) eu já escolhi o livro pela capa acredita? (...)”. Ao que parece, diante desse enunciado, podemos evidenciar que a professora, ao escolher o livro pela capa, desconsiderou toda e qualquer recomendação do PNLD. Como uma tentativa de amenizar o que foi falado, ela enfatiza que, atualmente, ela não exerce mais essa conduta de fazer a escolha do livro pela capa. Mais adiante a professora justifica os motivos que a levaram a tal comportamento, ela usa o verbo “pensava”, ou seja, foi, por meio de um pensamento e dotada de outro saber, que ela constituída de poder decidiu fazer a escolha daquela forma. Como é possível vermos, a partir do enunciado: “(...) Eu pensava assim, que era tudo a mesma coisa, aí via a capa do livro achava bonita e escolhia (...)”, notamos que, em sua enunciação, a professora demonstra um não saber em relação à proposta do PNLD.

A professora estava alheia aos critérios e aos princípios do programa, ela afirma que, em sua concepção, os livros eram todos iguais, descartando assim, qualquer necessidade de fazer uma avaliação, uma análise dos livros, não há uma análise prévia do livro didático levando em consideração o currículo e a sua didática adotada em sala de aula. Notamos que a professora, em sua enunciação, ainda, faz o uso do adjetivo “bonita”, dando a entender que supostamente, o seu critério de escolha limitava-se às características estéticas do livro. Neste caso, o livro que contivesse uma capa considerada por ela “bonita”. Seria o livro por ela escolhido. A professora, logo em seguida, demonstrou certa preocupação em deixar claro que essa conduta dela em escolher o livro pela beleza da capa não ocorreu na escola em que ela trabalha atualmente; isso aconteceu em outra instituição, que, por motivos de ética, não citaremos o nome, da instituição.

No caso em questão, é relevante dizermos que essa posição adotada pela professora diante da tarefa de fazer a escolha final do livro didático, usando como critério a “beleza” da capa, acaba por colocar em risco uma escolha que deveria ser vista por ela, como algo de extrema importância, pois, como ela mesma afirma, o livro didático será a sua “ferramenta de trabalho”. Ao escolher o livro pela capa, ela assume o risco de adquirir um material que não condiz com suas práticas pedagógicas. Há, neste ponto, um esvaziamento da função do guia, pois, a partir do momento em que ela resiste em fazer a escolha do livro didático de acordo com os fundamentos do PNLD, ela adota uma postura incompatível àquela que se espera de um professor perante a essa tarefa.

Analiseemos, a seguir, o próximo recorte discursivo (RD4).

RD4

P: E os conteúdos (+) qual a avaliação que você faz em relação aos conteúdos do livro?

E1: Olha os conteúdos são bons (+) uma linguagem adequada bem atual (+) eu só acho que deixa um pouco a desejar em relação à literatura... porque sempre nesses livros abordam somente os grandes nomes da literatura brasileira e a literatura tocantinense fica de fora né (+) sendo que temos aí grandes escritores aqui no estado.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte traz a quarta pergunta endereçada à professora Adriana. A pergunta foi “E os conteúdos (+) qual a avaliação que você faz em relação aos conteúdos do livro?”. A professora, em resposta, afirma que, em sua opinião, os conteúdos abordados no livro didático são por ela considerados bons, e destaca que a linguagem utilizada no livro é uma linguagem apropriada, contemporânea.

Ela discursiviza sobre certa insatisfação em relação aos conteúdos do livro didático, e afirma que deixa a desejar o fato de não haver, no livro didático, conteúdos que abordem a literatura tocantinense; e, ainda, dá ênfase ao dizer que os livros abordam “somente” os autores denominados por ela de “grandes nomes da literatura brasileira”. Em seu enunciado, fica perceptível que a ausência da abordagem da literatura tocantinense é, supostamente, uma desvalorização da cultura do estado, um desprestígio com os escritores tocantinenses. Podemos perceber, por meio do seu enunciado “(...) sempre nesses livros abordam somente os grandes nomes da literatura brasileira e a literatura tocantinense fica de fora né (+) sendo que temos aí grandes escritores aqui no estado (...)”, a professora tem a sua enunciação permeada por um saber; saber este que a leva a acreditar que, no Tocantins, existem “grandes escritores”.

Analiseemos, a seguir, o próximo recorte discursivo (RD5) de nosso trabalho de análise:

RD5

P: Então pra você essa falta de abordagem da literatura tocantinense é um ponto negativo?

E1: É::: já que eu acredito que seria interessante os alunos conhecerem a literatura do estado deles né (+++) aí cabe a nós professores fazer esse engajamento.

Esse recorte corresponde à quinta pergunta feita a professora Adriana no ato da entrevista. A pergunta foi: “Então pra você essa falta de abordagem da literatura tocantinense

é um ponto negativo?”. Em resposta, a professora menciona que, sim; na concepção dela, a ausência da literatura tocantinense no livro didático é um ponto considerado por ela negativo. A professora enuncia que seria “interessante” se os alunos conhecessem a literatura do estado no qual eles residem. Diante do que a professora disse, questionamo-nos: seria interessante em que sentido? Ela acha que seria interessante, mas para os alunos seria, de fato interessante? A professora, em seus enunciados, ela não aborda por quais motivos seria interessante os alunos terem acesso à literatura tocantinense. A professora, em seus enunciados, afirma, também, que, devido à ausência da literatura tocantinense no livro didático, cabe aos professores trazerem esse conteúdo para os alunos, utilizando outros recursos didáticos. Ela usa a expressão: “aí cabe a nós professores fazer esse engajamento”, dando a entender que o professor necessita exercer seu papel diante da abordagem mobilizada no livro didático.

De agora em diante, vamos focar, em nosso trabalho de análise, as enunciações faladas do professor Gustavo. Esse professor, como destacamos no capítulo metodológico, trabalha na mesma escola que a professora Adriana.

Consideremos, a seguir, o recorte discursivo (RD6):

RD6

P: qual a importância do PNLD para você professor, que é um dos principais responsáveis pela escolha do livro didático que irá ser utilizado pelos alunos em sua disciplina no caso língua portuguesa? Quais os pontos positivos e negativos?

E1- os pontos positivos são, por que assim a gente tem o PNLD como uma matriz né, como se fosse um norte digamos assim a ser seguido.

P: [unhum sei!]

E1 O PNLD é um programa aí muito importante, mas ele no princípio por exemplo, havia diversas disciplinas que não tinham o livro agora até artes têm livro, pra você ter uma ideia, tudo isso eu vejo como algo positivo (+)interessante por exemplo é a questão de ele ser renovado NÉ! a cada três anos algo que eu acho muito bom, e um ponto negativo são os volumes únicos eu acho um absurdo um gasto digamos assim, triplo com um livro que não vai ser reutilizado NÉ! ter um livro que vale por três anos e que tá pra uma série só sendo que poderia está atendendo mais duas ao mesmo tempo então eu vejo isso como um ponto negativo.

interrupção-(+++)

E1: a gente tem uma liberdade também, interessante as escolas no ano passado tiveram liberdade pra escolher o seu livro, não era um livro pro Tocantins, essa escola tinha o livro diferente da outra escola, o livro de português aqui não é igual das outras escolas.

(Entrevista realizada em 17/05/17)

Esse recorte traz a primeira pergunta endereçada ao professor Gustavo, no ato da entrevista. A pergunta foi “Qual a importância do PNLD para você professor, que é um dos

principais responsáveis pela escolha do livro didático que irá ser utilizado pelos alunos em sua disciplina no caso língua portuguesa? Quais os pontos positivos e negativos?”. Em resposta, o professor passou a destacar o que para ele era considerado pontos positivos.

A partir de seus enunciados, o professor destacou que o PNLD é como uma matriz, o programa direciona e é visto por ele como um norteador. O professor também abordou, em seus enunciados, que o PNLD é um programa muito importante e passou a destacar que houve um período em que apenas algumas disciplinas eram contempladas com o livro didático, conforme dar a perceber o seguinte enunciado: “(...), por exemplo, havia diversas disciplinas que não tinham o livro agora até artes têm livro, pra você ter uma ideia, tudo isso eu vejo como algo positivo”. Como podemos notar, o professor mobiliza a expressão “até artes têm livro”, para citar um “retrato” do início do PNLD, quando, ainda, apenas algumas disciplinas tinham o livro didático. O professor mostra certa satisfação por este progresso do programa e, ainda, afirma que vê isso como um ponto positivo.

Outro ponto positivo do programa que o professor ressaltou, em seus enunciados, é o fato de o livro didático ser renovável a cada três anos. Assim, supostamente, ele aprova o método de fazer a escolha por triênio, ou seja, a cada três anos.

Em sua enunciação, o professor reitera uma insatisfação, como podemos perceber a partir do seguinte enunciado: “(...) e um ponto negativo são os volumes únicos eu acho um absurdo um gasto digamos assim, triplo com um livro que não vai ser reutilizado NÉ! (...)”. O professor destaca os volumes únicos dos livros didáticos como um ponto negativo. Já, no fim da sua enunciação, o professor aponta como: “interessante” o fato de o programa proporcionar liberdade em relação à escolha do livro didático e citou que houve um ano em que o programa disponibilizou livro didático exclusivo para cada escola, não era um livro padrão, cada escola tinha seus livros didáticos diferentes.

A seguir, analisaremos o próximo recorte discursivo (RD7) de nosso trabalho de análise:

RD7

P: então você acha que é interessante essa escolha ser feita por triênio, uma escolha que irá valer por três anos?

E1: sim, com certeza! Considero muito valida essa escolha por três anos SIM.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte mostra a segunda pergunta endereçada ao professor no ato da entrevista. A pergunta foi “então você acha que é interessante essa escolha ser feita por triênio, uma escolha que irá valer por três anos?”. E, ao ser questionado, o professor demonstrou

empolgamento em dizer que, sim, que ele considerava: “muito válida essa escolha por três anos”. E, em seu enunciado, o professor, ao mobilizar a expressão “sim, com certeza”, mostra de fato que está satisfeito com essa proposta do programa.

Analisemos, a seguir, o próximo recorte discursivo (RD8) do nosso trabalho de análise:

RD8

P: sabemos que o programa disponibiliza o guia de livros didáticos para auxiliar na escolha do professor pois, o guia é composto pelas resenhas das obras aprovadas pelo programa NÉ! Eu tive acesso ao guia e tomei conhecimento que esse guia é enviado de forma impressa para os professores, e olhando o guia pode perceber que as resenhas falam detalhadamente né! Das obras, você se baseia pelo guia, se orienta por ele para realizar a escolha do livro didático? Ou você prefere fazer a escolha através das amostras das obras que as editoras enviam?

E1: as editoras tem mesmo enviado, inclusive elas DOAM os livros do mestre, digamos assim, vem um monte de editoras e aí o que, que acontece a gente se reuni, a escola se reuni, as áreas cada área né!, Tem letras, exatas aí a gente seleciona em conjunto, mas normalmente quando eu participei a gente não ficava olhando esse guia não, a gente olhava realmente os livros dava uma lembrada, por exemplo, nos conteúdos que são exigidos no estado aí a maioria digamos assim escolhia pelo livro e não olhava o guia não.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte está relacionado à terceira pergunta direcionada ao professor. Antes de fazermos a pergunta propriamente dita, tecemos um comentário sobre o fato de o PNLD disponibilizar aos professores o guia de livros didáticos. Comentamos também, que o guia é composto pelas resenhas das obras pré-selecionadas para a escolha; após o comentário, partimos para seguinte pergunta: “você se baseia pelo guia, se orienta por ele para realizar a escolha do livro didático?”. Em resposta, o professor passa a destacar o fato de as editoras enviarem as amostras das obras para a escola, o professor, em seu enunciado, usa a expressão “inclusive elas DOAM o livro do mestre”, produzindo um efeito de sentido de verdade para a sua afirmação. O professor, por meio de sua enunciação, não hesita em mencionar que, quando ele participou do processo de escolha do livro didático, ele não se ateve ao guia de livros didáticos, como podemos perceber a partir do seguinte enunciado: “(...) quando eu participei a gente não ficava olhando esse guia não (...)”.

O professor, ao mobilizar a expressão “a gente olhava realmente os livros”, mostra que, supostamente, não somente ele, mas os demais professores também não se baseiam pelo guia para realizar a tarefa de fazer a escolha do livro didático. Assim, podemos perceber que o guia é desconsiderado pelo professor e que não exerce função alguma no processo de escolha do livro didático; em vez de tomar por base e por direção o guia, era preferível “lembrar” os

conteúdos que são exigidos pela matriz curricular e fazer essa escolha pautada apenas no olhar das amostras dos livros.

Diante desses enunciados, evidenciamos aí que há uma posição discursiva do professor em questão, e essa posição discursiva está atravessada por saber e por poder, com deflagrações de pontos de resistência. O professor é constituído de saber e é constituído de poder que foi a ele concedido, qual seja: a possibilidade de realizar a tarefa de fazer a escolha do livro didático. Dessa forma, no momento em que o professor não segue as normas descritas pelo PNLD, ele adota uma postura de resistência, fazendo com que haja um esvaziamento da função do guia de livros didáticos.

Analisemos, a seguir, o próximo recorte discursivo (RD9) do nosso trabalho de análise.

RD9

P: Quais as sugestões que você daria em relação ao processo de escolha do livro didático?

E1: Bem, eu diria assim, deveria abrir mais para outras editoras também participarem, aí ficaria um leque maior de escolha pra gente né. Na verdade eu não sei se há uma determinação na quantidade das editoras pra virem né e oferecerem os livros, eu não sei se há essa determinação aí por parte do programa. Eu acho também que deveria da oportunidade para autores mais recentes digamos, o programa manda sempre as coleções de autores antigos, que já estão aí há muito tempo, poderia da oportunidade para os que digamos ainda não tem nome.

P: Entendi.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte está relacionado à quarta pergunta endereçada ao professor no ato da entrevista. A pergunta foi: “(...) Quais as sugestões que você daria em relação ao processo de escolha do livro didático? (...)”. Em resposta, o professor por meio de seus enunciados sugeriu que o programa selecionasse mais editoras para concorrerem ao processo de seleção do livro didático. O professor acredita que, havendo mais editoras participando do processo de seleção, seria melhor para os professores, pois eles teriam mais opções de escolhas, como ele mesmo enuncia: “um leque maior”. O professor, por meio do seu enunciado “(...) Na verdade eu não sei se há uma determinação na quantidade das editoras para virem né e oferecerem os livros, eu não sei se há essa determinação aí por parte do programa (...)”, mostra que o seu enunciado está constituído de um não saber em relação às normas descritas pelo programa.

O professor tem a sua enunciação falada constituída também de pontos de contradição. A princípio, ele sugere que se aumente a demanda de editoras na participação do processo

seletivo e, logo mais adiante, ele afirma não saber se essa demanda é limitada, expondo o seu dizer a uma dispersão de sentido.

Outra sugestão que o professor apresenta é que o programa possa inovar em relação aos autores dos livros didáticos. Segundo ele, os autores são sempre os mesmos e, em seu enunciado, ele adjetiva esses autores como: “autores antigos”; supostamente, ele acredita na ideia de que o programa deveria dar oportunidades para autores que são novos ainda no mercado, ou, como ele mesmo denomina em seu enunciado: “os que ainda não tem nome”.

Vejamos, a seguir, o último recorte discursivo (RD11) do nosso trabalho de análise:

RD10

P: Para você, qual a importância do livro didático para a sua prática pedagógica?

E1: Eu gosto de usar o livro, na minha prática pedagógica o livro é indispensável. Existem conteúdos que não casam aí eu procuro outros meios, outros, outros materiais complementares digamos assim.

P: Quais conteúdos você precisa de material complementar?

E1: Olha essas obras não são feitas para o estado do Tocantins, pra, pra matriz curricular do estado, não é! Em português não há nada sobre literatura do Tocantins, mas, por exemplo, o livro que estamos usando agora em relação a literatura afro brasileira tem, tem uns relances assim, tipo um capítulo e a tocaninense não tem.

(Entrevista realizada em 17/01/17)

Esse recorte discursivo mostra a sexta pergunta endereçada ao professor Gustavo no ato da entrevista. A pergunta foi: “Para você, qual a importância do livro didático para a sua prática pedagógica?”. O professor enuncia que gosta de usar o livro didático e que o uso do livro, em sua prática pedagógica, torna-se indispensável. Podemos perceber que o professor afirma não se limitar apenas ao livro didático, como podemos notar a partir do seguinte enunciado: “Existem conteúdos que não casam aí eu procuro outros meios, outros, outros materiais complementares digamos assim”. O professor, diante de uma suposta insatisfação em relação a alguns conteúdos, busca esses conteúdos em outros materiais como uma forma de complementar aquele conteúdo que, para o professor, não está sendo abordado de forma satisfatória no livro didático.

Ao ser questionado sobre quais conteúdos o professor necessita utilizar materiais complementares, ele respondeu, por meio de seu enunciado, que, pelo fato de essas obras não serem produzidas de forma específica para o estado do Tocantins, há a ausência da abordagem da literatura tocaninense; e, por isso, ele faz o uso de outros recursos, outros materiais complementares para inserir o ensino da literatura em sua prática pedagógica.

O professor ressalta que há a ausência da literatura tocaninense, no livro didático, no entanto já em relação à literatura afro-brasileira existe no livro um capítulo que aborda essa temática. O professor constituído de saber não faz do livro didático seu único e exclusivo

material didático, e, diante da ausência da abordagem da literatura tocantinense no livro, o professor constituído de poder utiliza outros meios, outros recursos para inserir esse conteúdo em sua prática pedagógica em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscamos analisar e problematizar o modo de como ocorre a escolha do livro didático de língua portuguesa na educação básica pública em Araguaína/Tocantins. Para tanto particularizamos o caso de uma escola pública estadual, com o intuito de entrevistar os professores de Língua Portuguesa, que são os responsáveis e protagonistas do processo de escolha. Essa particularização ocorreu a nossa revelia, pois, como já destacamos no capítulo metodológico foi a única escola em que os professores responderam a nosso contato.

É sabido que o livro didático figura como uma tecnologia auxiliar de ensino para o professor e para o aluno. Sendo assim, o processo de escolha e de adoção dos livros assume relevância no contexto escolar.

O PNLD como política pública, concedeu um lugar em destaque para a escolha e para a adoção recolocando em outros termos a política do livro didático. Busca-se uma qualidade, inclusive busca-se assegurar essa qualidade por meio de dispositivos técnico-pedagógicos, como é o caso da proposição de guias norteadores.

Diante dessa configuração governamental sobre o PNLD, recorreremos às teorizações propostas por Foucault (1979; 2012) para pensar esse processo de escolha e adoção. Pautados nas definições de saber, de poder e de resistência, buscamos conhecer esse processo, como prática discursiva. Trata-se de uma prática que é histórica, que encerra saber, poder e resistência. Essas práticas historicizam saberes e produzem efeitos de verdade.

Por ser uma prática discursiva, o processo de escolha e de adoção do livro coloca os professores em uma posição discursiva. Eles precisam enunciar sobre o processo, marcando uma posição. Posição que se constitui à revelia deles, já que o jogo discursivo é complexo. Eles produzem saber e expressam saberes já historicizados e de circulação social.

Eles exercem poder, porque passam a estruturar posição e passam a colocar certos enunciados no lugar daqueles enunciados que seriam previstos pelo processo de escolha. Eles resistem porque outros saberes, se constituem no lugar, inclusive não saberes, que acabam por apagar os critérios descritos no GUIA previsto pelo PNLD.

Com base em Foucault (1979; 2012), o processo de escolha e de adoção do livro didático pode ser tomado como um momento em que os professores precisam entrar, na ordem do discurso. Essa ordem está pautada em uma lógica própria, encerrando saber-poder. Os professores no movimento de se inserirem e entrarem na ordem do discurso produzem saber-poder-resistência, mostrando que não se trata de um movimento simples. Ao contrário, é complexo, é um jogo discursivo. Sendo assim, longe de colocar a discussão no eixo da acusação e da lamentação, este trabalho buscou expor a microcena da escola, a cena do cotidiano, quando do processo quando do processo de escolha e de adoção do livro didático. Uma microcena que encerra saber-poder-resistência; o que mostra a disseminação dessa tríade.

Traçando um contraponto entre as posições discursivas dos professores em questão, é possível perceber uma diferença entre eles. A professora Adriana se volta e se engaja no processo de escolha e de adoção do livro didático, vendo no livro o único meio de acesso à leitura dos alunos. Ela concede um lugar discursivo para o livro que acaba tornando-o absoluto soberano no processo de ensino e de aprendizagem. Já o professor Gustavo se volta para o livro didático, assumindo outra relação de saber e de poder, com pontos de resistência. Ele já deixa deflagrar uma posição que problematiza e se (im)põe ao livro. No caso dos dois professores, há um apagamento do lugar do Guia (2014) no processo de escolha do livro didático. No caso aparecem outros critérios bancados por eles.

Para finalizarmos, é preciso dizer que, para além do imaginário que há em torno do PNLD, que o coloca como sendo da ordem da mera execução, não podemos nos esquecer das práticas locais. E o PNLD esbarra nessa prática local, pois a depender dos envolvidos, essa política pode ser levada a bom termo ou não. Este trabalho lançou luz à prática local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso em: 08 de Jan. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld>. Acesso em: 08 de Jan. 2017.

BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: FNDE, 2012. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>. Acesso em: 12 de Jan. 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/4661-guia-pnld-2014>. Acesso em: 12 de Jan. 2017.

ANEXOS

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ADRIANA, FORMADA EM LETRAS LICENCIATURA NA UFT.

1. PARA VOCÊ QUAL A IMPORTÂNCIA DO PNLD?

E1: O programa, a importância do programa é gigante, tendo em vista que se você for analisá, a ausência desse material, dessa ferramenta prejudicava muito, enfim se têm uma ferramenta que mostrava a discrepância né do ensino público para o particular era o *(inaudível)* então a ausência do livro didático mostrava muito bem essa discrepância então, o livro didático ele ele diminuiu um pouco essa diferença, diferença que ainda é muito grande né, por isso é muito importante o programa eu vejo aí como uma contribuição a mais para o ensino.

P: Unhum entendi.

2. COMO PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA É::: QUE IMPORTÂNCIA O LIVRO DIDÁTICO EXERCE NA SUA AULA?

E1: Olha assim, o o livro didático é uma ferramenta muito importante para trabalhá junto com o aluno, e assim, nas aulas eu percebo que que o aluno ele ganha até um incentivo a mais “acredita”?!

P: Unhum.

E1: Eles tem um incentivo a mais assim... para estudar porque sendo bem realista fia, muitos desses alunos nossos o primeiro acesso que ele têm a leitura mesmo é através do livro didático e isso eu te falo com certeza (+) é o livro didático dá a ele uma direção, um rumo, uma outra mentalidade né, então assim a questão do livro didático na escola NOSSA! É de fundamental importância apesar que ainda tem muitas críticas né.

P: quais críticas?

E1: Em relação a::: uma coisa é o livro didático ser mantido, outra coisa a qualidade, mas como esse material possa melhorar.

P: E assim, em relação à escolha do livro, considerando que para ajudar e auxiliar nessa escolha o programa disponibiliza um guia né, guia de livros didáticos, que é enviado impresso para os [professores]

E1: [sim envia]

3. EM SUA OPINIÃO, O GUIA REALMENTE CONTRIBUI, LHE AJUDA NESSE PROCESSO DE ESCOLHA, JÁ QUE ELE É COMPOSTO POR RESENHAS DAS OBRAS QUE ESTÃO DISPONÍVEIS PARA A ESCOLHA?

E1: Na verdade é assim (++) hoje em dia as editoras mandam o livro completo, hoje em dia chegam para a gente três, quatro coleções de editoras diferentes né, e a gente tem o livro por completo.

P: Então quer dizer que em vez de você se direcionar pelo guia, você já tem acesso ao próprio livro né?![Interessante].

E1 [é como eu disse] (+++++)

E1: Chega três, de quatro a cinco editoras diferentes mandam os livros aí, nós temos aí mais ou menos uma semana de planejamento, antes de começar as aulas e fazemos a escolha, quem decide é professor, o professor que escolhe né.

P: Mas assim, pelo que andei pesquisando em relação o programa, o guia é enviado pra ajudar né, dá um suporte para o professor poder escolher o livro, mas você prefere escolher mesmo olhando o livro né, tendo esse contato direto [com a obra mesmo] né?

E1: [unhum]

E1: É é bem melhor assim, mas a gente tem que olhar direitinho né, analisar bem, porque vai ser pros três anos né, e assim hoje eu não faço mais isso, mas assim (+) eu já escolhi o livro pela capa acredita?! Eu pensava assim, que era tudo a mesma coisa, aí via a capa do livro achava bonita e escolhia, mas isso não foi aqui, eu não trabalha aqui era em outra escola, mas assim foi uma coisa que eu aprendi e não faço mais, então é bem melhor escolher olhando o livro mesmo.

4. E OS CONTEÚDOS (+) QUAL A AVALIAÇÃO QUE VOCÊ FAZ EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS DO LIVRO?

E1: Olha os conteúdos são bons (+) uma linguagem adequada bem atual (+) eu só acho que deixa um pouco a desejar em relação a literatura...porque sempre nesses livros abordam somente os grandes nomes da literatura brasileira e a literatura tocantinense fica de fora né(+) sendo que temos aí grandes escritores aqui no estado.

5. ENTÃO PRA VOCÊ ESSA FALTA DE ABORDAGEM DA LITERATURA TOCANTINENSE É UM PONTO NEGATIVO?

E1: É::: já que eu acredito que seria interessante os alunos conhecerem a literatura do estado deles né (+++) aí a nós professores fazer esse engajamento.

ANEXO II

ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR GUSTAVO, FORMADO EM LETRAS LICENCIATURA PLENA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.

1. QUAL A IMPORTÂNCIA DO PNLD PARA VOCÊ PROFESSOR, QUE É UM DOS PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO QUE IRÁ SER UTILIZADO PELOS ALUNOS EM SUA DISCIPLINA NO CASO LÍNGUA PORTUGUESA? QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS?

E1- os pontos positivos são, por que assim a gente tem o PNLD como uma matriz né, como se fosse um norte digamos assim a ser seguido a respeito de que o próprio estado tem como uma espécie de lista de conteúdos que devem ser seguidas.

P: [unhum sei!]

E1: mas ele vai atender uma boa parte da demanda nessa área é é com isso né, mas ele no princípio por exemplo havia diversas disciplinas que não tinham o livro agora até artes tem livro, pra você ter uma ideia, tudo isso eu vejo como algo positivo (+)interessante por exemplo é a questão de ele ser renovado NÉ! a cada três anos algo que eu acho muito bom, e um ponto negativo são os volumes únicos eu acho um absurdo um gasto digamos assim, triplo com um livro que não vai ser reutilizado NÉ! ter um livro que vale por três anos e que tá pra uma série só sendo que poderia está atendendo mais duas ao mesmo tempo então eu vejo isso como um ponto negativo.

interrupção-(+++)

E1: a gente tem uma liberdade também interessante as escolas no ano passado tiveram liberdade pra escolher o seu livro não era um livro pro Tocantins, essa escola tinha o livro diferente da outra escola, o livro de português aqui não é igual das outras escolas .

P: interessante!

2. ENTÃO VOCÊ ACHA QUE É INTERESSANTE ESSA ESCOLHA SER FEITA POR TRIÊNIO, UMA ESCOLHA QUE IRÁ VALER POR TRÊS ANOS?

E1: sim, com certeza! Considero muito valida essa escolha por três anos SIM.

P: sabemos que vêm as coleções, vem às obras para vocês professores analisarem, mas referente ao guia, pois o programa disponibiliza o guia do livro didático para auxiliar na escolha do professor, você lê realmente o guia? Pois o guia é composto pelas resenhas das obras aprovadas pelo programa NÉ! Eu tive acesso ao guia e tomei conhecimento que esse

guia é enviado de forma impressa para os professores, e olhando o guia pode perceber que as resenhas falam detalhadamente né! Das obras.

3. VOCÊ SE BASEIA PELO GUIA, SE ORIENTA POR ELE PARA REALIZAR A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO?

E1: as editoras tem mesmo enviado, inclusive elas DOAM os livros do mestre, digamos assim, vem um monte de editoras e aí o que, que acontece a gente se reuni, a escola se reuni, as áreas cada área né! Tem letras, exatas aí a gente seleciona em conjunto, mas normalmente quando eu participei a gente não ficava olhando esse guia não, a gente olhava realmente os livros dava uma lembrada, por exemplo, nos conteúdos que são exigidos no estado aí a maioria digamos assim escolhia pelo livro e não olhava o guia não.

4. QUAIS AS SUGESTÕES QUE VOCÊ DARIA EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO?

E1: Bem, eu diria assim, deveria abrir mais para outras editoras também participarem, aí ficaria um leque maior de escolha pra gente né. Na verdade eu não sei se há uma determinação na quantidade das editoras pra virem né e oferecerem os livros, eu não sei se há essa determinação ai por parte do programa. Eu acho também que deveria da oportunidade para autores mais recentes digamos, o programa manda sempre as coleções de autores antigos, que já estão aí há muito tempo, poderia da oportunidade para os que digamos ainda não tem nome.

P: Entendi.

5. PARA VOCÊ, QUAL A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO PARA A SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA?

E1: Eu gosto de usar o livro, na minha prática pedagógica o livro é indispensável. Existem conteúdos que não casam aí eu procuro outros meios, outros, outros materiais complementares digamos assim.

6. QUAIS CONTEÚDOS VOCÊ PRECISA DE MATERIAL COMPLEMENTAR?

E1: Olha essas obras não são feitas para o estado do Tocantins, pra, pra matriz curricular do estado, não é! Em português não há nada sobre literatura do Tocantins, mas, por exemplo, o livro que estamos usando agora em relação à literatura afro brasileira tem, tem uns relances assim, tipo um capítulo e a tocaninense não tem.